

150

PÁGINAS 5 a 7

Mantovani Fernandes



Luto indígena - Índios dançam o ritual do toré, durante a despedida do presidente da Funai que mais reconheceu e demarcou terras indígenas

Índios e brancos choram morte de Sullivan

Mantovani Fernandes

Ao som de cantos indígenas e sob emoção de parentes e amigos, foi enterrado ontem à tarde, no Cemitério Jardim das Palmeiras, o corpo do presidente da Funai, Sullivan Silvestre, de 36 anos. As principais homenagens foram prestadas por grupos de índios pancararu e fulni-ô, de Pernambuco, com quem Sullivan se reuniria em Goiânia para tratar de demarcação de terras. Com menos de dois anos à frente da Funai, ele foi proporcionalmente o presidente que mais reconheceu e demarcou terras indígenas. O ministro da Justiça, Renan Calheiros, garantiu que acompanhará pessoalmente as investigações sobre as causas do acidente com o bimotor, que matou mais três pessoas. Testemunhas disseram ter percebido falhas no avião e fogo antes da queda. **PÁGINAS 1B e 2B**



Imagem aérea mostra as duas casas que foram atingidas pelo avião no Goiânia 2

CIDADES



100% Goiás

DISTRIBUIDORA DE PETRÓLEO (062) 281-4449

+ Judiciário & Polícia

'UM BRANCO QUE ENTENDIA A ALMA DO ÍNDIO'

O corpo do presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Sullivan Silvestre de Oliveira, foi enterrado às 17h55 de ontem, no Cemitério Jardim das Palmeiras, em Goiânia, em uma cerimônia simples e rápida, sob forte comoção de sua mulher, Ana Luísa Ulbelina Lira Oliveira, dos pais, José Tenório de Oliveira e Maria Ilca Silvestre, e dos irmãos, Silvana e Sandro. Ele foi velado durante a madrugada e todo o dia de ontem no próprio cemitério e recebeu várias homenagens, principalmente dos índios, com quem se reuniria para tratar da demarcação de terras. De manhã, os índios iniciaram o ritual fúnebre do toré, que só terminou à tarde, depois do sepultamento, quando eles cantaram e dançaram em torno da lápide que se transformou em um tapete de coroas de flores cobrindo o corpo de Silvestre.



Cristina Cabral

Mantovani Fernandes



Weimer Carvalho



Mantovani Fernandes



Sebastião Nogueira



Sem discursos

O índio Marcos Terena, do Mato Grosso do Sul, chegou ao cemitério por volta do meio-dia dizendo que a nação indígena brasileira perdeu um "branco que entendia a alma do índio" e ele, especificamente, "um amigo que soube compreender todas as angústias e esperanças de sobrevivência" do seu povo. Para Marcos Terena, Sullivan Silvestre desenvolveu uma administração participativa, voltada para o "problemático indígena" mas sem lançar mão do "paternalismo estatal".

O enterro foi acompanhado pelo ministro da Justiça, Renan Calheiros, que chegou ao cemitério às 14h40. Os parentes e as autoridades acompanharam a descida do caixão sob uma tenda para protegê-los do sol forte. Não houve discursos, apenas a comoção dos familiares e o canto fúnebre dos índios, que também ajudaram a transportar o caixão da capela até o jazigo. O sepultamento foi precedido por uma rápida cerimônia religiosa. O ministro Renan Calheiros garantiu que acompanhará pessoalmente as investigações sobre as causas do acidente aéreo que matou, na noite de segunda-feira, Sullivan Silvestre, o auxiliar administrativo da Funai, Adão Fernandes Sobrinho, o secretário particular de Sullivan, Luciano Ribeiro Neves, e o comandante do avião bimotor Sêneca PT-EQZ, Aguiar Domingos Rosa.

Natalidade

O ministro Renan Calheiros se disse consternado com a perda do assistente direto, que morreu em serviço, viajando para se encontrar com índios das etnias pancararu e fulni-ô, de Pernambuco, que estavam reunidos em Goiânia. Calheiros ressaltou que as ações de Silves-

tre à frente da Funai resultaram em melhores condições de vida para as populações indígenas brasileiras. "Ele demarcou terras como nunca e essa melhoria se refletiu no aumento das taxas de natalidade entre os índios", afirmou o ministro.

A assessoria do Ministério da Justiça, em nota à imprensa, informou que Sullivan foi, proporcionalmente, o presidente da Funai que mais reconheceu e demarcou terras indígenas, identificando, aproximadamente, 10 milhões de hectares, demarcando mais de 213 milhões de hectares e regularizando cerca de 25 milhões de hectares.

Negociador

Calheiros enfatizou também que Sullivan Silvestre mostrou-se "exímio negociador", contornando, com habilidade, os problemas internos do órgão, administrando com competência a falta de recursos e, principalmente, sabendo dialogar com as diversas etnias existentes no País. Além da defesa do meio ambiente, como representante do Ministério Público, Sullivan Silvestre também foi um grande defensor das vítimas do acidente radiológico com o césio 137, ocorrido em Goiânia, em setembro de 1987.

Silvestre foi nomeado presidente da Funai em 19 de agosto de 1997, a convite do então ministro e hoje senador Iris Rezende, que esteve à tarde no velório, acompanhado dos outros dois senadores goianos, Maguito Vilela e Mauro Miranda.

O governador Marconi Perillo decretou luto oficial de três dias no Estado por causa da morte de Silvestre. Perillo também confortou a família durante o velório.

LEIA MAIS NA PÁGINA 2B

CONTINUAÇÃO DA MATÉRIA DA CAPA

Peritos já investigam causas do acidente

Mantovani Fernandes

Dois peritos do Centro Nacional de Investigação e Prevenção de Acidentes Aeronáuticos (Cenipac) da Força Aérea Brasileira (FAB) vieram de Brasília e começaram ontem mesmo os levantamentos para averiguar a causa (ou causas) do acidente aéreo que matou o presidente da Funai e outras três pessoas na noite de segunda-feira. A Empresa Brasileira de Infra-Estrutura Aeroportuária (Infraero) informou ontem que o piloto do Sêneca que caiu no Goiânia 2, Aguiar Domingos Rosa, fez contato normal com as três torres de controle, em Brasília, Anápolis e Goiânia antes do avião explodir.

Mesmo antes da transcrição da fita com os diálogos que o piloto manteve com os controladores das torres, há informação extraoficial na Infraero de que ele não fez comentário algum sobre problemas no voo. O piloto teria apenas trocado as informações de rotina, recebendo dados sobre as condições em que faria o pouso.

Casa

O último contato teria ocorrido cerca de dois minutos antes de o Sêneca cair sobre uma casa na Rua do Babaçu, no Setor Goiânia 2, atingindo também duas árvores, a fiação elétrica da rua e parcialmente o telhado de outra construção vizinha.

O Sêneca prefixo PT EQZ, mo-

delo 810-c, série 810.161, pertencia à empresa Aerobase Táxi Aéreo, com sede em Brasília. O aparelho ficou completamente destruído. Ele tinha decolado em Paracatu (MG), pousado em Brasília, onde Sullivan Silvestre e dois assessores embarcaram. Quando saiu de Brasília o avião tinha três horas de autonomia de voo, mas não chegou a mais de 40 minutos.

Caixa preta

O Sêneca é um modelo de avião bimotor, de seis lugares, que não tem caixa preta. A peça ajudaria muito a identificar o que aconteceu pouco antes da queda.

Os capitães do Cenipac, Felipe e Lupoli, começaram a recolher destroços do aparelho para serem utilizados na elucidação do acidente. Eles não adiantaram qualquer suspeita possível para o acidente, tais como falha humana, mecânica ou até mesmo uma sabotagem do avião, visto que a Funai lida em defesa dos índios, mas enfrenta a pressão de grupos, como grileiros de reservas que estão em processo de demarcação.

O trabalho dos dois não tem data para ser concluído, mas a estimativa é de que não se encerre em menos de 90 dias.

No 25º Distrito Policial do Conjunto Itatiaia, área de cobertura do Goiânia 2, foi instaurado inquérito ontem para apurar como ocorreu e o que motivou o acidente.

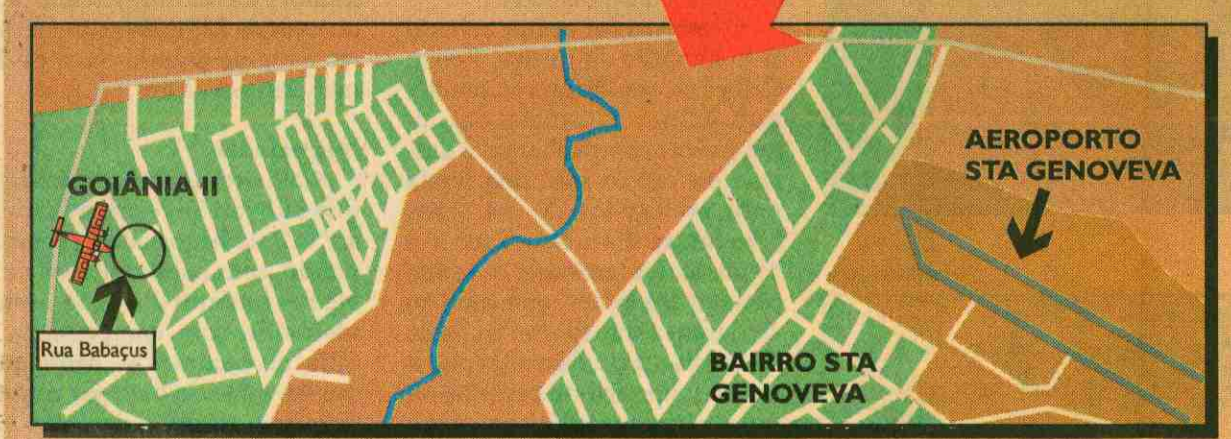


A casa, no Goiânia 2, ficou parcialmente destruída. Uma mulher e três filhos menores viam TV na sala, mas nada sofreram

O voo da morte

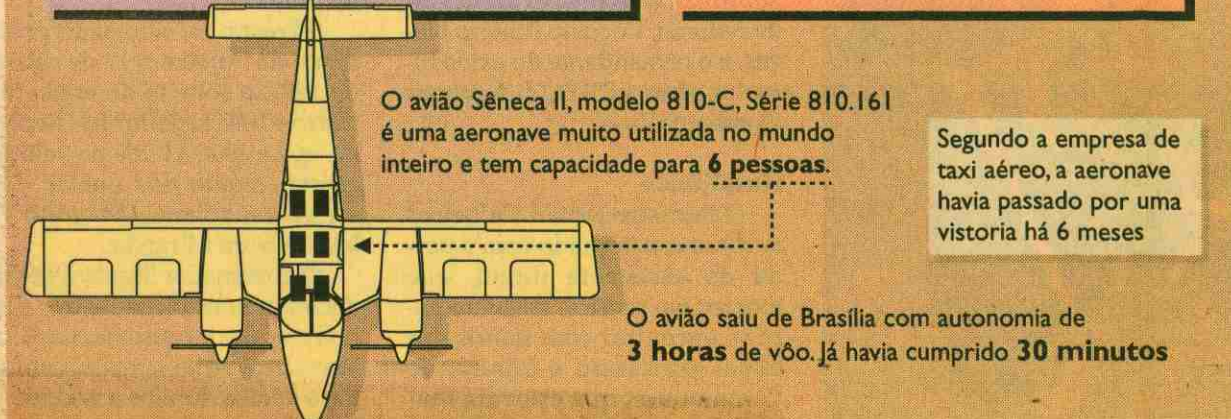


Embora o trajeto fosse fora do habitual, os técnicos do CENIPA - Centro Nacional de Investigações e Prevenção de Acidentes Aeronáuticos - afirmam ser normal a tomada feita pelo piloto para o pouso.



O piloto Aguiar Domingos Rosa mantinha um voo visual, embora Alessandro Máximo, assessor de imprensa da Infraero, alegue não ter informações sobre a altitude da aeronave.

O trabalho de resgate, segundo Alessandro, foi preciso. Comandado pela Infraero, já que a aeronave estava dentro de um raio de 8 km, área coberta por ela.



'A Funai matou meu marido'

O primeiro socorro no local do acidente aéreo foi feito pela guarnição permanente do Corpo de Bombeiros do Aeroporto Santa Geneveva, situado cerca de 3 quilômetros de onde caiu a aeronave. Os bombeiros chegaram ao local do acidente, na Rua do Babaçu, quadra 29, lote 22, cinco minutos após serem acionados pela torre de comando do aeroporto, que tem contato direto via fone com os bombeiros e recebeu o chamado de socorro.

Logo que o acidente se tornou público, o primeiro amigo do presidente da Funai, o procurador de justiça, Eliseu Taveira, dirigiu-se ao local do acidente, no Setor Goiânia 2, com esperança de que tudo "não passasse de um grande engano". Taveira foi testemunha

de toda a carreira de Sullivan e imaginava que seu "espírito guerreiro" jamais seria dobrado pelas "indisposições do destino". Mas, ao chegar ao Instituto Médico-Legal (IML) e observar o corpo calcinado do melhor amigo, Taveira se encarregou de poupar a família da imagem mais cruel da tragédia que tirou a vida de Sullivan. Ele completaria 36 anos no dia 15 próximo.

Logo nas primeiras horas da manhã, a família de Sullivan Silvestre, profundamente chocada, começou a velar o corpo do presidente da Funai. A mulher de Silvestre, Ana Luíza Ulbelina Lira Oliveira, externava revolta pela morte súbita do marido. Quando chegou ao cemitério a coroa de flores enviada pela direção da Fu-

nai, Ana Luíza atirou o arranjo para fora da sala onde estava a urna funerária e expressou: "A Funai matou meu marido".

Queimaduras

Os corpos do piloto da aeronave, dos funcionários e do presidente da Funai deram entrada no IML por volta das 23h30 e o primeiro a ser necropsiado foi o de Sullivan Silvestre. Em virtude dos traumatismos e do inchaço provocado pelas queimaduras, os médicos legistas recomendaram que o corpo do presidente da Funai fosse colocado em urna lacrada. No entanto, uma clínica de Goiânia realizou o tratamento adequado e, às 4 horas de ontem, o corpo estava liberado para o velório.

Tragédia poderia ter sido maior

A família do técnico em prótese dentária Luizmar Silva de Paula, 41 anos, cuja casa foi parcialmente destruída pelo avião Sêneca retomará suas atividades rotineiras hoje, apesar de ainda estar bastante abalada com o trágico acidente e de não ter decidido se voltará a morar no mesmo local.

Pelo menos esse é o desejo de Paula, da mulher e dos três filhos, que, ontem, um dia depois da queda do avião, exprimiam sentimentos de felicidade e gratidão a Deus por terem escapado ilesos da tragédia. Quando o aparelho chocou-se com a casa, a mulher do técnico, Greice Maria de Souza Paula, de 31 anos, e os três filhos do casal estavam vendo televisão em uma sala da residência e foram salvos por vizinhos, que arrombaram a grade da janela dos fundos.

Na hora do acidente, Luizmar de Paula dava aulas em uma escola, na mesma rua, e foi avisado por vizinhos de que o avião havia

caído sobre sua casa. "Estamos felizes porque tivemos muita sorte, mas lamentamos a morte das quatro pessoas", afirmou. Os três filhos dele estão acomodados na casa da avó, desde a noite do sinistro, e voltarão às aulas hoje.

Mortes

A tragédia no Goiânia 2 poderia ter sido maior. Três crianças escaparam por pouco de ser atingidas pela queda do avião, segundo contou a mãe deles, Lourdes Alcântara, 33 anos, que também teve sua casa, vizinha à de Luizmar de Paula, atingida em parte pelo avião. A aeronave destruiu um pedaço do telhado, os dois carros da família, o muro da frente e o muro lateral.

Ela afirmou que, menos de 15 minutos antes da queda do aparelho, as crianças, de 7, 3 e 1 ano, brincavam na área da frente, justamente onde depois os carros foram estacionados e destruídos pe-

lo choque com o Sêneca. "Tiramos os meninos do local para que os carros pudessem ser estacionados e para que eles jantassem", revelou Lourdes, ainda atônita com a tragédia. Sua maior preocupação é com a filha Natália, de 7 anos, que "está em estado de choque".

A direção da empresa proprietária do avião, a Aerobase Táxi Aéreo, informou ontem, em Brasília, que só vai falar sobre a possibilidade de indenização à família do protético Luizmar de Paula e aos familiares dos quatro mortos depois que as investigações sobre o acidente forem concluídas. A empresa divulgou que Aguiar era um profissional experiente, tinha 23 anos como piloto, acumulando 15 mil horas de voo. Como funcionário da empresa ele voava há seis anos. A Aerobase tem 25 anos no mercado de aviação.

(CARLA BORGES, MARILIA ASSUNÇÃO, MARCIO FERNANDES E RAQUEL VELASCO)

Wagnas Cabral



No domingo, Sullivan foi fotografado pela última vez, em Goiânia, em reunião com índios de Pernambuco